

GOODWIN GÓMEZ, Gale; **VOORT**, Hein van der (eds.) (2014). *Reduplication in indigenous languages of South America*. Leiden/Boston: Brill. Pp. 477. ISBN 978 90 04 27240 8 (hardback).

Resenhado por: Graziela Ramos
(PG.- CELCAM/IEL-UNICAMP)
Angel Corbera Mori (CELCAM/IEL-UNICAMP)

Os quinze artigos incluídos no livro “*Reduplication in Indigenous Languages of South America*,” segundo os editores Gale Goodwin Gómez e Hein van der Voort, foram apresentados inicialmente no “53º Congresso Internacional de Americanistas” ocorrido na Cidade do México, no mês de julho de 2009. Todos os artigos, inseridos nessa coletânea, passaram por uma cuidadosa avaliação por parte de seus pares. Os trabalhos incluídos abordam o tema da reduplicação e foram escritos por pesquisadores reconhecidos nacional e internacionalmente pela sua dedicação aos estudos das línguas originárias faladas nos diferentes países da América do Sul.

No primeiro capítulo, de autoria dos editores, são apontadas algumas questões em torno da reduplicação tanto em seu aspecto formal quanto funcional. Os organizadores são cientes de que a definição de reduplicação pode variar, mas que, de forma geral, trata-se de um processo morfológico que envolve a repetição de palavras ou partes delas como uma estratégia derivacional e, algumas vezes, até mesmo flexional. São também apresentadas definições sobre as terminologias utilizadas no livro, como a consideração do componente ‘original’ ou ‘fonte’ em uma construção com reduplicação ser identificada como a *base* enquanto que a parte copiada o é como *reduplicante*. Além de reconhecerem formalmente a reduplicação total e parcial, os autores mencionam a presença de outros três tipos de reduplicação encontrados em algumas das línguas que foram tratadas no volume: (i) a reduplicação *simples*, (ii) a *complexa* e (iii) a *automática* (Rubino 2005). Os organizadores trazem ainda outras considerações gerais sobre a reduplicação e tecem alguns comentários sobre o histórico do estudo da reduplicação, evidenciando a importância do livro em questão. As línguas discutidas são ainda apresentadas através de um mapa que indica as suas localizações geográficas.

No segundo capítulo, *Reduplication in Mapuzungun: Form and Function*, Fernando Zúñiga e Antonio Edmundo Díaz-Fernández apresentam uma visão geral da reduplicação no Mapuzungun, uma língua considerada isolada falada pelo povo Mapuche, e cujos habitantes se expandem por países como Argentina e Chile.

Os autores se valerem de diversas fontes bibliográficas para coletar os dados da pesquisa, dentre elas o dicionário de Augusta (1916). É descrito que a reduplicação no Mapuzungun apresenta padrões de reduplicação tanto total quanto parcial simples e aparenta utilizar a reduplicação flexional nas raízes dos verbos para expressar algumas das categorias identificadas por Rubino (2005). São apresentados os aspectos formais da reduplicação morfológica na língua para as raízes de verbos, adjetivos, advérbios/substantivos, pronomes e palavras interrogativas.

Como a reduplicação de verbos é a mais comum, é dado foco à sua descrição. Para isso, são apresentados alguns estudos prévios sobre a reduplicação – Salas (2006), Harmelink (1996) e Smeets (2008) – focando-se nos problemas de cada um deles, o que denota a complexidade do fenômeno na língua.

Segundo os autores, a maioria dos casos de reduplicação – parcial e total – encontrados no *corpus* pode ser classificada como inerentes, em especial em bases dissilábicas, que, frequentemente, têm o elemento reduplicado formando uma raiz verbal ou nominal que pode ser combinada com outros morfemas, sejam afixos ou raízes.

Fechando o texto, os autores apresentam uma tabela que representa as conclusões de estudos realizados anteriormente e suas próprias conclusões sobre a reduplicação na língua Mapuzungun. Eles concluem que a reduplicação nessa língua apresenta uma variedade de padrões formais, mas com duas funções básicas, a de formação de palavras (muito produtiva no passado), e a gramatical, que aparenta ser bastante produtiva sincronicamente. Em termos dos autores, a reduplicação em Mapuzungun, tal como ocorre em outras línguas ameríndias, é usada para expressar significados relacionados à intensidade, continuação, número de participantes e repetição de eventos, o que é indicado pelas bases verbais correspondentes.

Katja Hannß e Pieter Muysken, autores do terceiro capítulo e responsáveis pelo artigo *Reduplication in Andean Languages*, discutem as similaridades e diferenças tipológicas das línguas indígenas em relação à reduplicação, tendo como base as propostas do *Graz Reduplication Project* (informações sobre este projeto podem consultadas em: <http://reduplication.uni-graz.at>).

As línguas abordadas por esses autores são Quéchua, Aymara, Jaqaru, Pukina, Kallawaya, Uru, Cholón, Leko e Shuar, destacando suas características estruturais gerais e as influências sofridas a partir de outras línguas. Os autores traçam uma breve apresentação das propriedades formais da reduplicação das línguas envolvidas (seção §2, pp. 46-56) e das propriedades funcionais (seção §3, pp. 56-64). Ao tratarem da reduplicação total, assinalam que todas as línguas em questão apresentam reduplicação total de substantivos, adjetivos e verbos, mas sem deixar de mencionar que quase todas elas têm também outras maneiras de expressar as funções desejadas sem recorrer à reduplicação total. Argumentam ainda que as línguas consideradas no estudo apresentam uma série de sufixos que ocorrem na reduplicação total, tendo uma sequência fixa, mas que não resultam em “reduplicação automática” (cf. Rubino 2005: 18). Ao contrário, nessas línguas cada sufixo ocorre também fora da reduplicação e sem suas contrapartes; nesse sentido, é o conceito a ser expresso e não o sufixo que desencadeia a reduplicação.

Ao abordarem a reduplicação parcial, os autores afirmam que ela é mais difícil de ser evidenciada. Eles posicionam-se contrariamente às afirmações do *World Atlas of Language Structures Online* (<http://wals.info>) de que as línguas Aymara e Jaqaru apresentam reduplicação total e parcial produtivas, uma vez que as evidências para confirmar essa produtividade são insuficientes. Dessa maneira, apenas a língua Uru apresentaria uma evidência clara de reduplicação parcial.

No que diz respeito às funções da reduplicação nas línguas andinas, são apresentadas tanto as mais icônicas quanto as menos icônicas, tendo como exemplo deste último caso a reduplicação do adjetivo para indicar diminutivo na variedade do Quéchua falado em Santiago del Estero (Argentina). Nessa categoria é tratada igualmente a expressão de qualidades associativas em Kallawaya e Leko, consideradas pelos autores como uma extensão de uma intensificação ou expressando uma leitura de pluralização. Por último, os autores discorrem sobre a reduplicação como processo de criação de novos itens lexicais nas línguas Kallawaya e Shuar, podendo ou não envolver outras funções, como intensificação e distribuição.

Na seção dedicada à discussão e conclusões, Hannß e Muysken apresentam uma tabela mostrando as estratégias de reduplicação das línguas andinas discutidas e, em seguida, utilizam-se da ferramenta de visualização das representações *NeighborNet* (Huson e Bryant 2006). O *NeighborNet* é uma metodologia baseada na biologia evolucionista que apresenta as relações evolucionistas através de árvores filogenéticas para indicar a distância e similaridade tipológica das diferentes especificações atribuídas às línguas discutidas.

Por último, os autores reforçam a sugestão de que os padrões de reduplicação podem ser relacionados à organização tipológica da língua e que tal organização pode basear-se em três grupos diferentes, tendo como parâmetro a existência ou ausência da reduplicação parcial e a posição da reduplicação (p. 67). As línguas Leko, Aymara, Jaqaru, Quéchua do Cuzco e Shuar formam um primeiro grande grupo por não utilizarem a reduplicação parcial. O Pukina mostra um certo distanciamento desse conglomerado por ainda ser incerto se essa língua usa a reduplicação parcial, além de se o reduplicante segue ou não a base. Por sua parte, as línguas Uru, Cholón e Kallawaya encontram-se separadas por fazerem uso da reduplicação parcial. O Cholón e o Uru podem ser considerados como formando um minigrupo, dado que são línguas em que a reduplicação precede as bases. Já a língua Kallawaya aparece de forma isolada, pois usa a reduplicação parcial, o que a diferencia do agrupamento ‘Andino’, mas, diferentemente do Uru e do Cholón, o reduplicante nessa língua segue a base lexical (p. 68). Uma última consideração levantada pelos autores relaciona-se com os traços funcionais que, em termos da visualização Bayesana baseada no *NeighborNet*, resultam mais complexos e diversos (p. 68).

O capítulo 4, de Simeon Floyd, *Four Types of Reduplication in the Cha’palaa Language of Ecuador*, descreve os principais tipos de reduplicação no Cha’palaa, língua falada por um povo que habita a região Noroeste do Equador. A reduplicação em Cha’palaa é muito produtiva, ocorrendo em diferentes classes lexicais e em construções de diversos tipos.

Floyd registra a escassa produção de trabalhos sobre essa língua; nesse sentido, o trabalho desse autor é o primeiro a descrever o processo de reduplicação em Cha’palaa. Com base nos resultados de seu próprio trabalho de campo, Floyd discorre sobre os quatro tipos de reduplicação encontrados na língua: (i) reduplicação de ideofones, (ii) reduplicação em construções com predicados complexos, (iii) reduplicação para formar sintagmas adjuntos, e (iv) reduplicação como molde fonológico para derivar palavras atributivas.

Em cada um dos quatro tipos de reduplicação, o autor explica sua opção em considerar como reduplicação a repetição de ideofones. Em seu tratamento sobre a reduplicação em construções predicativas complexas, divide suas considerações em quatro subseções, primeiramente explicando sobre os predicados complexos e os classificadores verbais, em seguida sobre a reduplicação de aspectos iterativos em predicados complexos, depois sobre as formas reduplicadas e identidades fonológicas e, por último, sobre a reduplicação em contextos discursivos.

Em suas conclusões, o autor retoma os pontos levantados e resume em tabela o que seriam os limites morfossintáticos da reduplicação em Cha’palaa. Além disso, focaliza a alta relevância funcional do processo de reduplicação nessa língua, se comparado com a reduplicação que ocorre em outras línguas como em Inglês, Espanhol, Awat Pit, Quéchua do Equador e Tsafiki.

O quinto capítulo, *Reduplication in Nheengatu*, de autoria de Aline da Cruz, representa o primeiro olhar mais aprofundado sobre o fenômeno na língua Nheengatu. Após apresentar informações sócio-históricas gerais sobre o surgimento dessa língua, a autora traz algumas informações básicas sobre o sistema métrico e características fonológicas da reduplicação nessa língua. De acordo com a autora, o Nheengatu apresenta reduplicação tanto parcial quanto total e ambas são geradas pelo mesmo processo, uma vez que o reduplicante se forma copiando o pé prosódico mais à esquerda da raiz verbal. O processo é de prefixação e os morfemas derivacionais fazem parte do reduplicante, mas os flexionais não.

Como a reduplicação na língua é restrita aos verbos, a autora define os tipos de verbos presentes no Nheengatu, levando em conta sua propriedade tipológica de ser um sistema ativo-estativo.

A reduplicação de verbos transitivos indica um evento que ocorre repetidamente, o qual pode afetar apenas um participante em muitas ocorrências. Já a reduplicação de verbos ativos intransitivos indica tanto a repetição do evento em uma única ocasião quanto a repetição do evento em diferentes ocasiões. A reduplicação de verbos intransitivos estativos ocorre de duas maneiras distintas, de acordo com a variedade do Nheengatu falada. Na variedade falada na região dos rios Negro e Içana, mais conservadora, a reduplicação de verbos estativos indica distribuição de uma propriedade entre múltiplos participantes, já na variedade falada na cidade de São Gabriel da Cachoeira e no Médio Rio Negro, o uso da reduplicação é apenas para expressar intensificação de uma propriedade, tendo perdido ao longo dos séculos a sua capacidade de atribuir a distribuição de uma propriedade entre os participantes, o que poderia ser atribuído à influência massiva do português, uma vez que na região do Médio Rio Negro o Nheengatu é apenas falado pelos adultos.

Como último tópico do artigo, a autora aborda a reduplicação como estratégia de expressar reciprocidade, em que o evento requer, pelo menos, dois participantes. Assim, o prefixo *yu-* marca a ação reflexiva e recíproca; porém, quando a raiz do verbo é reduplicada, a única possibilidade de interpretação é a reciprocidade, apesar de um verbo não reduplicado que recebe o prefixo *yu-* também poder ser interpretado como recíproco. A reduplicação em construções recíprocas não é idiossincrática do Nheengatu, pois no Kamaiurá, uma língua do Tupi-Guarani falada no Alto Xingu, construções recíprocas podem ser, igualmente, combinadas com a reduplicação (p. 138).

O capítulo seis, de autoria de Patience Epps, apresenta a reduplicação na língua Hup, da família Nadahup (Maku), falada no Noroeste da Amazônia Brasileira, uma língua indígena que, até pouco tempo atrás, encontrava-se praticamente sem descrição.

Na introdução do artigo, a autora traz algumas informações sobre a língua e seus falantes, passando em seguida para os aspectos formais da reduplicação. Epps fornece uma série de dados que exemplificam a ocorrência da reduplicação, tecendo como parâmetro a fonologia da língua. O texto da autora mostra que o status fonológico da forma reduplicada indica que, no Hup, a palavridade fonológica (*phonological wordhood*) pode ser mais bem compreendida em termos de um modelo gradiente ou escalar do que como um conjunto fixo de propriedades.

Os aspectos funcionais da reduplicação também são detalhados em exemplos, apresentando-se a reduplicação nos verbos, nos substantivos, nos modificadores atributivos em compostos e nos ideofones. No caso dos verbos, a reduplicação é semi-

produtiva e possui função de aspecto relacionado à repetição ou intensidade, no entanto, pode também resultar em significados lexicais específicos e não muito claros ou não ter uma forma simples a ser identificada. Nos substantivos, limita-se a itens lexicais já estabelecidos, havendo apenas um ou dois casos em que é possível sugerir uma forma simples. A reduplicação nos modificadores atributivos em compostos é mostrada como sendo a menos usual e que contribui para lembrar-nos da enorme variação semântica e funcional trazida pelo fenômeno da reduplicação. Já em relação aos ideofones, é apontada a diferença em relação à reduplicação propriamente dita, porém eles são considerados por compartilhar determinadas características com o fenômeno da reduplicação.

Na seção §5 do artigo, a autora inclui uma breve reflexão em torno à reduplicação e repetição, tecendo uma possível relação diacrônica entre ambas. Contudo, ela deixa explícito que o processo da reduplicação aplica-se no domínio interno das palavras, sendo o novo significado não composicional de suas partes. Já a repetição aplica-se em fronteiras de morfemas, palavras e sintagmas, além de apresentar repetição do conteúdo semântico.

O capítulo sete, da editora Gale Goodwin Gómez, denominado *Reduplication in the Yanomae Language of Northern Brazil*, apresenta a reduplicação na língua Yanomae, da família Yanomani, focando no dialeto falado na comunidade de Watoriki, na região Norte da Amazônia Brasileira.

A autora inicia seu artigo com uma breve descrição da língua e, em seguida, passa a descrever os aspectos formais da reduplicação. Explica a predominância da reduplicação total, apesar da existência da parcial, e as funções do fenômeno na língua: a função derivacional em que se apresenta a mudança de categoria da base, como a derivação de substantivos a partir de verbos, e a função icônica, em que é representada a intensificação do significado de uma palavra que denota uma substância, um objeto, uma ação, um movimento, uma posição ou um estado, podendo resultar na indicação de iteratividade ou no aumento de quantidade, intensidade ou duração.

A função da reduplicação mais produtiva em Yanomae relaciona-se com a nominalização dos verbos, sejam estes estativos, intransitivos, posicionais ou transitivos. A reduplicação icônica de uma base verbal ou nominal, nessa língua, é para indicar iteratividade ou aumento de intensidade, ou duração de um determinado objeto, também para indicar ação, movimento ou estado. A autora traz à discussão casos em que as fronteiras entre lexicalização, repetições ideofônicas e construções onomatopáicas não ficam claramente diferenciadas.

Como reflexão final de seu trabalho, Gómez conclui que a reduplicação em Yanomae pode ser considerada sempre icônica, mesmo que sua função seja estritamente derivacional, como mostram os diversos dados apresentados no artigo.

No oitavo artigo, *Reduplication as a Tool for Morphological and Phonological Analysis in Awetí*, Sebastian Drude descreve a reduplicação nas formas verbais do Awetí, uma língua do Tronco Tupi falada na região das cabeceiras do rio Xingu, no estado de Mato Grosso, no Brasil Central. O estudo, segundo o autor, pode ser um aporte para uma melhor compreensão das unidades e processos fonológicos e morfológicos da língua. Após uma breve explicação sobre o sistema fonológico da língua, Drude passa a descrever alguns fatos e termos morfológicos relevantes, focando seu texto em determinadas formas verbais flexionadas por afixos específicos e que resultam úteis para a identificação das fronteiras entre os morfemas.

A reduplicação em Aweti é um processo morfológico produtivo que se apresenta apenas em verbos, sendo possível encontrar a reduplicação de posposições e ideofones, apesar de esses temas não serem abordados no artigo de Drude. Como em Aweti a reduplicação é total, resulta praticamente impossível identificar quais dos dois elementos representa a base e qual é o elemento reduplicante (p. 190). O processo é estritamente derivacional e se emprega para formar novos itens lexicais de tipo verbal.

Diversos dados analisados mostram a reduplicação com verbos ativos que têm a sílaba final átona, também o tipo de reduplicação que apresenta variação alomórfica entre os fonemas labiais /p/ e /m/ sem que esses segmentos sejam condicionados pela oralidade ou nasalidade da base (p. 201). A reduplicação em verbos estativos expressa conceitos que em línguas indo-europeias corresponderiam aos adjetivos, o processo nesse tipo de verbos se diferencia dos correspondentes verbos ativos não apenas semanticamente, mas também na forma de expressar o aspecto perfectivo: os verbos estativos não recebem a vogal temática {-e} que está presente em verbos ativos do tipo ‘estourar’, ‘pular’.

O domínio morfológico da reduplicação é mais adequadamente descrito em termos morfológicos do que fonológicos, tendo como foco a base temática e, no caso de bases temáticas complexas, toda a base, derivada ou composta, é reduplicada. Algumas das exceções registradas poderiam ser explicadas via lexicalização ou considerando a presença do número de sílabas.

Em *Reduplication and Ideophones in Trumai*, nono capítulo do livro, Raquel Guirardello-Damian analisa os princípios da reduplicação em Trumai, uma língua indígena sem classificação linguística definida, falada por uma população de mesmo nome que habita a área central do Parque Indígena do Xingu, no Brasil Central. A autora apresenta, de forma geral, as características tipológicas da língua e, em seguida, passa a descrever o fenômeno da reduplicação total e parcial que ocorre na classe dos verbos e adjetivos, mas também são atestados casos de reduplicação em substantivos, advérbios e numerais.

A língua Trumai também manifesta casos de reduplicação inerente, em que não se evidenciam suas correspondentes formas simples não reduplicadas, formas que se alguma vez existiram já não são reconhecidas pelos falantes. Por último, a autora discute profusamente os casos de repetição envolvendo os ideofones, para, em seguida, comparar o processo com os diversos tipos de reduplicação discutidos no artigo.

O décimo capítulo, *Reduplication and Verbal Number in Mëbengokre*, de Andrés Pablo Salanova, apresenta a reduplicação em Mëbengokre, uma língua Jê falada no Brasil Central pelos povos originários Xikrin e Kayapó.

A reduplicação nessa língua ocorre entre vários prefixos para indicar o plural nos verbos. Após uma apresentação da fonologia da língua, a reduplicação é abordada detalhando a diferença entre o que seriam as repetições em itens onomatopéicos e o fenômeno da reduplicação propriamente dito.

A reduplicação em Mëbengokre é considerada como um processo derivacional, a morfologia verbal da língua é apresentada demonstrando o funcionamento dos prefixos classificadores que ocorrem nos verbos transitivos. As diferenças de significado entre as raízes prefixadas também são apresentadas, apesar de serem consideradas como sutis e idiossincráticas. Conclui-se que as formas reduplicadas e os classificadores verbais são marcadores de transitividade que se encontram em oposição paradigmática, estando a forma reduplicada relacionada à ação no plural e os classificadores relacionados à ação no singular, ou seja, as formas reduplicadas podem ser consideradas como um subtipo de classificador que tem o objetivo de indicar pluralidade.

O fato de muitos casos de reduplicação não apresentarem uma forma simples e a possibilidade ou não de serem onomatopeicos também são discutidos. Ao final, é apresentada uma sinopse da reduplicação nos verbos do Mëbengokre, concluindo-se que, semanticamente, ela expressa a iteração de um evento ou a pluralidade de um dos participantes, que segue a sequência C(C)V-prefixo ligada às raízes verbais, sendo o afixo um esqueleto fonológico e tendo sua forma determinada pela cópia fonológica. Assim, são apresentadas algumas formas canônicas para os verbos nas línguas, mas indicando que há alguns verbos que fogem à generalização, mostrando que a função de classificadores prefixionais no Mëbengokre somente poderá ser entendida se analisada em paralelo com outras línguas, o que é apontado através de uma breve comparação ao Kaingang.

O capítulo 11, *Forms and Functions of Reduplication in Tupian Languages*, de Wolf Dietrich, apresenta uma visão geral do fenômeno da reduplicação em algumas línguas da família Tupi-Guarani. A natureza do fenômeno é explicada, primeiramente, em relação à repetição lexical, considerando-se a reduplicação como um processo gramatical de marcação de funções aspectuais de predicados verbais e nominais, apesar de haver também outras funções, como a pluralidade. Já no que se refere especificamente às suas funções, o autor discute a reduplicação monossilábica e dissilábica – mas explica e considera como mais adequada a distinção entre eventos internos e eventos externos. A antecipação e a repetição de sílabas, os padrões da reduplicação e a fonologia, estrutura silábica e acento das línguas da família em questão também são itens discutidos em relação à natureza do fenômeno.

São apresentadas observações feitas sobre a reduplicação nas línguas das famílias Tupi-Guarani desde a época dos missionários, demonstrando a sua importância, para depois se discutir o fenômeno nas línguas Tupi e Tupi-Guarani modernas, separando-as em línguas com distinção de reduplicação mono e dissilábicas (Avá-Canoeiro, Asurini, Anambé, Araweté, Parintintin, Guajá e Kokama) e línguas com apenas um tipo de reduplicação (Mbyá, Guarani Paraguaio, Chiriguano, Siriono, Yuki, Parakanã, Tapirapé, Juruna, Tupari, Makurapi, Munduruku e Nheengatu). Além dos dados do próprio autor, são apresentados vários exemplos baseados em estudos de diferentes autores, cujas análises são corroboradas ou refutadas.

O capítulo 12, de Antoine Guillaume, nomeado *The Interaction of Reduplication with Word Classes and Transitivity in Caveña*, apresenta o fenômeno da reduplicação em Cavineña, uma língua da família Tacana falada na região da Amazônia Boliviana. Os tipos de reduplicação dependem de sua forma de realização (simples ou automática, total ou parcial), da classe de palavra e status flexional da base e/ou da palavra reduplicada, além da transitividade e status flexional da base e/ou da palavra reduplicada.

São expostos alguns conhecimentos prévios sobre a morfossintaxe e fonologia da língua para depois ser apresentada uma visão geral do fenômeno da reduplicação, a qual é dividida em reduplicação total simples (que pode ser subdividida em outros nove tipos de reduplicação, três envolvendo verbos, uma referente aos predicativos adjetivos, duas que envolvem os substantivos, uma voltada aos ideofones e onomatopeias e duas envolvendo os quantificadores e posposições); reduplicação simples com –CV final, consistente em reduplicação parcial apenas, e processos de reduplicação automáticos, envolvendo a reduplicação obrigatória em combinação com outro afixo, mas sem inserir significado adicional à construção total (p. 326).

São detalhados os padrões produtivos de reduplicação verbal, discutindo-se a reduplicação total em construções antipassivas, os auxiliares como detonadores da reduplicação total com semânticas distributivas, a reduplicação automática total e a reduplicação automática –CV final.

Como parte das conclusões finais, são expostas algumas considerações gerais sobre o fenômeno na língua, além de serem levantadas duas questões ainda problemáticas, uma relacionada à vogal epentética *u* em bases monossilábicas, e outra ao processo de reduplicação automática em que as formas reduplicadas devem combinar-se com sufixos. Guillaume conclui que o aspecto mais interessante da reduplicação em Cavineña encontra-se provavelmente em seu uso sintático, que mostra os processos tanto de mudança de classe de palavras quanto de mudança de valência.

O capítulo 13, de Katharina Haude, *Reduplication in Movima: A Prosodic Morphology Approach*, apresenta a reduplicação em Movima, uma língua isolada da Amazônia Boliviana, falada atualmente apenas por uma centena de idosos.

Como nos capítulos anteriores do livro, a autora inicia o texto com uma breve descrição das características gramaticais gerais da língua seguida de uma visão geral do fenômeno da reduplicação. O processo se manifesta em quatro tipos diferentes, três no início da palavra e um no domínio interno da palavra; todos esses tipos, além de terem o reduplicante precedendo a base, têm funções gramaticais diferentes e não parecem ser totalmente produtivos no estágio atual da língua. A estrutura das palavras na língua é descrita considerando-se a estrutura silábica, a prosódia e a tonicidade e alongamento das vogais.

Após a explicação de que as unidades relevantes para a reduplicação em Movima são as moras e os pés métricos, que se trata de processo regressivo e que nenhum dos processos pode ocorrer repetidamente em uma palavra, mas pode haver a combinação de dois processos diferentes, a autora passa a descrever sistematicamente cada uma das formas de reduplicação envolvida: (i) reduplicação monomoraica, (ii) reduplicação bimoraica inicial, (iii) reduplicação do pé métrico inicial, e (iv) reduplicação moraica interna.

As formas e funções gerais da reduplicação são resumidas em uma tabela (cf. tabela 1, p. 354), sendo posteriormente discutidas e elucidadas as diferentes funções em verbos e substantivos, além de serem consideradas as funções menos produtivas da reduplicação.

Na conclusão, a autora resume as funções gramaticais apresentadas pela reduplicação e discute o fato de o fenômeno não se apresentar como icônico como em outras línguas. É muito provável que o Movima apenas recorra mais ao uso da morfologia prosódica, empregando métricas no lugar de uma morfologia substancial como dispositivo de formação de palavras. Como afirma a autora, são necessários estudos mais aprofundados para entender por que a língua utiliza muito mais a reduplicação como dispositivo gramatical do que outras línguas, o que ela acredita estar relacionado a esse papel que a métrica desenvolve na formação de palavras.

No capítulo 14, *When Vowel Deletion Blurs Reduplication in Mojeño Trinitario*, Françoise Rose discute o processo de reduplicação em Trinitario, um dos dialetos do Mojeño, uma língua Arawák falada nas terras baixas da Bolívia. A autora focaliza os padrões de reduplicação apresentados no trabalho de Gill (1957), complementados com dados primários de sua própria autoria. Primeiramente, são fornecidas informações sobre

a fonologia da língua, o processo de apagamento vocálico e a estrutura morfológica do verbo, passando-se a explicar, em seguida, as diferentes funções da reduplicação nos verbos, um processo morfológico na língua, puramente derivacional, o qual modifica o significado de cada raiz de verbo de modo regular.

A primeira função descrita é a de atenuação, que pode indicar tanto uma maneira de diminuir a intensidade expressa pelo verbo quanto lhe atribuir um sentido de aproximação ao seu sentido literal. A segunda função apresentada é o da repetição para indicação de pluralidade interna do evento, encontrada principalmente nos verbos ativos, sendo que o verbo pluracional pode afetar tanto a pluralidade dos objetos em um tempo específico quanto indicar uma extensão no tempo (com uma leitura tanto de duração quanto de hábito). Já a terceira função explicada relaciona-se à atenuação e repetição, mesmo que, a princípio, pareçam conceitos divergentes.

Grande parte do artigo destina-se a discutir as formas da reduplicação verbal, levando-se em consideração a sua estrutura fonológica e status morfológico. De maneira geral, no Trinitario, a última sílaba da raiz verbal é copiada, sendo que a cópia segue imediatamente a raiz. Assim, a autora detalha com diversos exemplos a cópia como um sufixo interno da raiz, a raiz reduplicada seguida do classificador *-xi*, a reduplicação considerando-se a deleção da vogal, a reduplicação e as raízes monossilábicas e o padrão de cópia duplicada.

Na conclusão do artigo são resumidas as informações apresentadas e levantados alguns pontos sobre a reduplicação no Trinitario que se diferenciam da ocorrência do fenômeno em outras línguas, como o fato de existir apenas a reduplicação parcial e o da base ser alterada pela deleção da vogal e por outras regras prosódicas, deixando opaca a identidade fonológica entre ela e a cópia.

Em *Reduplication in Karitiana (Tupi)*, décimo quinto capítulo, Luciana Storto apresenta a reduplicação na língua Karitiana, família Tupi, ramo Arikem. Nessa língua a reduplicação de verbos é um processo bastante produtivo, mas há verbos que não são envolvidos no processo por terem formas supletivas para indicar eventos em singular ou em plural. Storto descreve e analisa os processos de reduplicação que afetam os verbos e um morfema afixo que atua como quantificador de adjetivos. Além disso, discorre sobre o fato de a reduplicação nos substantivos tender a apresentar propriedades onomatopaicas e sobre o uso de repetições ideofônicas em narrativas diferenciar-se da reduplicação.

A autora aborda a reduplicação verbal de forma detalhada. Primeiramente, é discutida a ambiguidade existente entre as leituras de singular e plural em sintagmas nominais e depois a ambiguidade entre as leituras de eventos no plural e singular em sintagmas verbais. É apresentada também a maneira como se dá a pluracionalidade no Karitiana, estendendo sua explicação para raízes de auxiliares e para verbos que não se reduplicam por terem formas supletivas que denotam a pluralidade dos eventos.

Sobre os quantificadores adjetivos consistentes na reduplicação morfológica de afixos, a autora levanta inicialmente os argumentos para se reconhecer ou não a existência de uma categoria lexical de adjetivos, que se diferencie dos nomes e dos verbos na língua. A autora mostra que, embora os nomes não tenham marcação morfológica para indicar plural em Karitiana, os adjetivos podem ser quantificados por meio do sufixo *-Vra*. Uma mostra de bases adjetivas simples, adjetivos quantificados e adjetivos quantificados reduplicados são resumidos na tabela 1 (p. 427).

Em seguida, são apresentados os substantivos formados por reduplicação onomatopáica, uma discussão sobre a existência de palavras tratadas como repetição de ideofones e o uso de repetições ideofônicas em narrativas, para assinalar, sobretudo, eventos atélicos. Em suas conclusões, a autora considera o fenômeno da reduplicação na língua Karitiana como derivacional, porém, uma vez que verbos e adjetivos ocorram reduplicados, a interpretação é necessariamente plural, fato que evita uma leitura ambígua. Contudo, com o passar do tempo, os falantes podem passar a utilizar o processo de forma regular, tornando-o flexional.

O capítulo 16, último da obra, *Is Reduplication na Areal Feature of the Guaporé-Mamoré Region?*, de autoria de Hein van der Voort, discute a possibilidade de difusão areal do fenômeno de reduplicação na região do Guaporé-Mamoré, no sudoeste amazônico. O Guaporé-Mamoré é uma região que abriga um grande número de línguas de famílias linguísticas diferentes, além de línguas consideradas isoladas.

Primeiramente, o autor explica a situação linguística da região e apresenta alguns conceitos básicos que norteiam a análise dos dados. Em seguida, passa a descrever, de forma específica e muitas vezes recorrendo a análises de outros autores, a ocorrência do fenômeno da reduplicação em línguas das famílias Arawak, Chapacura e Nambikwara, línguas do Tronco Macro-Jê, e línguas do Tronco Tupi, além de algumas línguas isoladas, tais como o Aikanã, Cayuvava, Itonama, Kanoê, Kwaza, Mosetén, Movima e Yurakaré.

Em suas observações finais, mesmo ainda consideradas preliminares em razão da falta de dados disponíveis e do conjunto restrito de línguas, o autor considera que os dados abordados nas diferentes línguas da região apresentam propriedades de processos universais de reduplicação, entre elas a repetição e intensificação do significado e a predominância da reduplicação verbal. Algumas propriedades partilhadas pelas línguas da região poderiam ser casos de difusão areal. Contudo, esses compartilhamentos também poderiam estar relacionados com fatores genéticos ou universais, sem necessariamente ser o resultado de traços areais. A reduplicação usada para modificar a valência do verbo parece ser produtiva em Cavineña, Movima e Yurakaré, línguas faladas ao longo do rio Mamoré nas terras baixas da Bolívia, também esse tipo processo é encontrado na língua Arikapu, na parte brasileira do rio Guaporé. Além disso, a reduplicação como processo que muda a valência é atestado em um conglomerado de línguas localizadas na região Guaporé-Mamoré, que não são relacionadas geneticamente e que bem poderia ser um caso característico de traço areal (p. 458).

Reduplication in Indigenous Languages of South America, obra organizada por Gale Goodwin Gómez e Hein van der Voort, é o primeiro no seu gênero em abordar os processos de reduplicação em línguas originárias faladas em países da América do Sul. Os textos incluídos nessa coletânea parecem confirmar determinados padrões universais atestados em outras línguas; mas, ao mesmo tempo, apresentam fenômenos ainda desconhecidos tanto pela linguística teórica quanto pelos estudos que se guiam pelos parâmetros tipológicos. Como afirmam os editores, há um crescimento constante dos linguistas por estudar a reduplicação nas línguas, mas as línguas ameríndias têm sido, até agora, negligenciadas nesses estudos. Nesse sentido, esta publicação representa um valioso aporte aos estudos da reduplicação nas línguas ameríndias, pois elas trazem contribuições importantes para a linguística geral e para o aprofundamento em nosso conhecimento sobre a natureza da linguagem humana e sobre as propriedades linguísticas recorrentes em diversas línguas do globo.

Referências

- AUGUSTA, Fray Félix José de (1916). *Diccionario araucano: Mapuche-Español, Español-Mapuche*. Santiago, Chile: Imprenta Universitaria.
- GILL, Wayne (1957). *Trinitario grammar*. Manuscript. San Lorenzo de Mojos: Misión Nuevas Tribus.
- HARDMAN, Martha (1986). *Structure of the Aymara language*. [without publisher, without place].
- HARMELINK, Bryan (1996). *Manual de aprendizaje del idioma mapuche: Aspectos morfológicos y sintácticos*. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera.
- HUSON, Daniel H.; BRYANT, David (2006). Application of phylogenetic networks in evolutionary studies. *Molecular Biology and Evolution* 23/2: 254-267.
- ROSE, Françoise (2005). Reduplication in Tupi-Guarani languages: Going into opposite directions. In Bernhard Hurch; Veronica Mattes (eds.) *Studies on reduplication* [Empirical Approaches to Language Typology 28], pp. 351-368. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- RUBINO, Carl (2005). Reduplication: Form, function and distribution. In Bernhard Hurch; Veronika Mattes (eds.), pp. 11-29.
- SALAS, Adalberto (2006). *El mapuche o araucano*. 2. ed. Santiago, Chile: Centro de Estudios Públicos.
- SMEETS, Ineke (2008). *A grammar of Mapuche*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Recebido: 6/2/2015

Versão revista e corrigida: 30/3/2015

Aceito: 9/4/2015.